



ITINERÁRIO DE POESIA

Sergio Buarque de Holanda

HOUVE tempo em que o sr. Cassiano Ricardo, que tolera hoje a rima, não, porém, a "rima em lugar certo", se mostrava amigo, como tantos outros, das pomposas simetrias parnasianas, e escrevia versos deste estilo:

Certo, quando eu cair na arena,
(ao fim do jogo
Tu me virás fechar os olhos com
(as mãos frias
E então, rezar por mim, por
(meu ser solitário,
Que as estrelas serão teu rosário
(de fogo
E o Cruzeiro do Sul a cruz do
(teu rosário.

Isto aconteceu em 1918, e num livro que por tudo — a princípio pelo título: *A Fruta de Pã* — concorda bem com o gosto dominante na época em que se publicou. Depois, as mesmas estrelas deixaram de obedecer, em seus escritos, a qualquer disposição aparentemente decorativa. O poeta compenetra-se de que as simetrias são mera fantasia dos homens: a tais artificios passa a preferir a ordem divina em que foram postas no céu e na terra as coisas naturais. A ordem do semeador, segundo a comparação do padre Vieira, ordem que muitas vezes é anarquia ou desleixo para olhos profanos. Pois que, segundo estes, a única verdadeiramente lícita e digna de estima é outra bem diferente: a ordem do ladrilhador. Do poeta que escreveu *A Face Perdida* (Livraria José Olímpio Editora, São Paulo-Rio de Janeiro, 1950) dificilmente se poderá dizer que sucumbiu a tão grosseira ilusão. E foi num desabafo contra todos os mortais artificios que ele ousou confessar em livro recente:

Pertenço — e é só — à ordem em que estão colocadas no céu, as estrelas.

Ordem em realidade difícil de captar-se, mais do que todas as caprichosas simetrias e que requer maior diligência do que os artesanatos mais penosos.

No caso do sr. Cassiano Ricardo, essa conquista não se deu de improviso. Falou-se muito em metamorfose a respeito dos seus dois últimos livros, que denunciam, com efeito, em quem os escreveu, uma capacidade de renovação talvez sem exemplo na história de nossa poesia. Poderia falar-se também em virtuosismo e em habilidade, lembrando que existe tamanha diferença entre o autor de *Um dia Depois do Outro* e o de *Vamos Caçar Papagaios*, como entre este e o de *Fruta de Pã*. É lícito dizer, com muito mais justeza, que essa transformação significou de fato uma libertação: libertação de exterioridades que o poeta acolhera sucessivamente, numa complacência inadvertida. Dela soubera purificar-se, porém, sempre que sentiu sua vacuidade.

É certo que esse esforço parece não ter sido bem sucedido em todos os casos. Quando o sr. Cassiano Ricardo largou, por exemplo, o tambor parnasiano pelo reco-reco modernista, penso que não fez mais do que trocar um artifício por outro, embora acreditasse seriamente que se despojara enfim — como se isto fosse possível — de quaisquer artificios e encontrara a poesia em sua autenticidade e originalidade. O movimento de 22, que recebera a princípio numa atitude de abstenção e até de franca hostilidade, ajudara-o finalmente a deitar por terra muitos ídolos antigos. Mas

quem dirá que a nova mitologia era menos enganosa?

SEU ENCONTRO com os inovadores deu-se pela tangente do brasileiro, não pelo simples gosto da novidade. Num país jovem, com um céu diferente, sob um sol mais radioso, não deveriam prevalecer os velhos metros e os velhos temas. Tratava-se aqui, antes de tudo, de uma justificação polêmica das tendências revolucionárias contra aqueles que acusavam os partidários dessas tendências entre nós de pretenderem impor-nos uma arte decadente, brotada no meio das civilizações moribundas da Europa. Mas justificação que, admitida sem reservas e em suas consequências lógicas, deveria exacerbar, ao cabo, todas as formas de nativismo, e não apenas no terreno literário. O sr. Cassiano Ricardo não hesitou — ao menos no terreno literário — em admitir essas extremas consequências. O tropicalismo auriverde que de repente passou a ornamentar sua inspiração levou, não raro, a excessos suspeitos certas preocupações dos modernistas de 22 e 23, que tinham tentado dar timbre poético aos motivos brasileiros, os mesmos motivos que tantas vezes — desde os tempos de um Cláudio Manuel da Costa — tinham parecido de um irritante e irremediável prosaísmo.

EO QUE ENTRAVA de intimamente brasileiro nesse cuidado de enaltecer o que temos de peculiar, de pitoresco, de colorido? De "exótico", em suma? Ficar em êxtase diante de tais "exotismos", assim como os europeus se extasiavam perante o *art nègre*, e exclamar, como exclamava o poeta de *Vamos Caçar Papagaios*

— Nada mais falso do que um Brasil sem côr,

era apenas um modo de separá-los de nós mesmos, caindo numa estrangeirice igual às outras, e mais ilusória, já que pretendia vestir-se à cabocla. Era ver-nos, em outras palavras, com os olhos de certos estrangeiros sofisticados que nos visitavam.

E quando o mesmo poeta, no mesmo livro, invectivava

Abaixo os que venderam a alma à Europa

esquecidos de que os próprios países aos quais copiamos hábitos e criações já nos pediram que não os imitassemos mais, porque eles é que precisam voltar a ser simples e originais, como são os povos crianças, sem filosofia nem ódio,

(Conclui na 6.ª página)

Rio de Janeiro, Domingo, 22 de Outubro de 1950

Letras e Artes



(Conclusões da 5.^a Página)

político ou o publicista. Apenas não sei se será lícito tentar, neste caso, uma separação nítida; tanto parece exato que parte da obra poética do sr. Cassiano Ricardo pode ser lida como uma espécie de prolongamento lírico das opiniões que lhe suscitou sua fase de participação na vida pública.

E, no momento em que deixaram aparentemente de empolgá-lo essas opiniões, aconteceu o inesperado: surgiu a poesia, límpida, enfim, e livre de tantos trastes que a tinham ofuscado. Não creio, aliás, que entre as duas fases tenha havido propriamente uma ruptura cabal. Interiorizando-se cada vez mais, a partir de *Um dia depois do Outro* e agora, sobretudo, em *A Face Lívida*, essa poesia não perde o contato com a realidade exterior. Num mundo envelhecido e desbotado pela civilização, as aparências mais sensíveis guardam, talvez, a primazia antiga. Mas o espetáculo das coisas vistosas já não vale por si só, e bem pode acontecer que seu brilho exterior seja apenas o testemunho de uma significação mais alta: por isso a natureza se terá aprimorado na elaboração dessas

formas supremas, em que a beleza ostensiva se alia necessariamente a evanescência. Nelas, a presença física aponta para a verdade espiritual e simbólica, que ao poeta cabe reviver na medida das suas forças. Assim, à rosa colhida de fresco, e que dentro em pouco se irá desfolhar no vaso, ele pode dizer:

Rosa silente e breve
que a mão de Deus escreve

.....
és o instante presente,
enormemente puro,
sem o menor resquício
de passado ou de futuro.
Diante de ti, a tarde
é longa e vagarosa.
E a Noite? a grande Noite
cantada em verso e prosa?

SUAS IMAGENS favoritas são principalmente visuais, mas, além da realidade concreta e imediata, denunciam um mundo de

essências sutis. As palavras que se reiteram com mais insistência (rosa, estrela, girassol, pássaro, orvalho...) atestam ainda seu gosto do colorido e do brilhante, mas também estão constantemente no lugar de uma experiência intimamente vivida. Ganhando assim nova dimensão, a linguagem deste poeta ganhou tudo quanto ainda lhe faltava para se tornar uma das vozes essenciais de nossa poesia de hoje.

PARA REMESSA DE LIVROS:
Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).



ITINERÁRIO DE . . . (Conclusão)

— receio um pouco que, em tudo isso, não tenha feito mais do que sentimentalizar uma atitude simplesmente reflexa e vinda de fora, que pretendia em vão passar por genuína, mais ou menos como a do marechal Petain quando, ao tempo da ocupação nazista, reclamava em voz alta o regresso a uma França "agricole et bucolique".

ACENTUAR nesta poesia a exaltada revelação de um Brasil cheio de côr e cheio de graça — pitoresco, sensual, folclórico — e ainda a idéia, implícita nessa revelação, de que é preciso aceitá-las assim mesmo, inclusive nos seus vícios mais flagrantes, só porque seriam "nossos" e "incorrigíveis", é talvez mesclar indevidamente duas realidades desiguais. E seria também querer julgar uma segundo o desagrado ou o agrado com que a outra nos perturba: o poeta pelo